

Da figura do artista e do culto da celebridade aos humores do sistema artístico, quase nada tem sido poupado ao beliscão de Sara e André

Supervisão

De Alexandre Estrela.

Porto. Culturgest. Av. dos Aliados, 104 - Ed. da CGD. Tel.: 222098116. Até 10/04. 2ª, 4ª, 5ª e 6ª das 11h às 19h (última admissão às 18h30). Sáb., Dom. e Feriados das 14h às 20h (última admissão às 19h30).

Desenho.

Lourdes Castro e Manuel Zimbro: A Luz da Sombra

Porto. Museu de Serralves. R. Dom João de Castro, 210. Tel.: 226156500. Até 13/06. 3ª a 6ª das 10h às 17h. Sáb., Dom. e Feriados das 10h às 22h.

Escultura, Outros.

Sem Rede

De Joana Vasconcelos.

Lisboa. Museu Coleção Berardo. Pç. do Império - CCB. Tel.: 213612878. Até 18/05. Sáb. das 10h às 22h (última admissão às 21h30). 2ª a 6ª, Dom. e Feriados das 10h às 19h (última admissão às 18h30).

Instalação, Outros.

Judith Barry

Lisboa. Museu Coleção Berardo. Pç. do Império - CCB. Tel.: 213612878. Até 25/04. Sáb. das 10h às 22h (última admissão às 21h30). 2ª a 6ª e Dom. das 10h às 19h (última admissão às 18h30).

Video, Instalação, Outros.

BES Photo 2009

De André Cepeda, Filipa César, Patrícia Almeida.

Lisboa. Museu Coleção Berardo. Pç. do Império - CCB. Tel.: 213612878. Até 04/04. Sáb. das 10h às 22h (última admissão às 21h30). 2ª a 6ª e Dom. das 10h às 19h (última admissão às 18h30).

Fotografia.

Jane e Louise Wilson: Tempo Suspenso

De Jane & Louise Wilson.

Lisboa. Centro de Arte Moderna - José de Azeredo Perdigão. R. Dr. Nicolau Bettencourt. Tel.: 217823474. Até 18/04. 3ª a Dom. das 10h às 18h.

Video, Escultura, Outros.

O Ofício de Viver

De Daniel Blaufuks.

Lisboa. Carlos Carvalho - Arte Contemporânea. R. Joly Braga Santos, Lote F - r/c. Tel.: 217261831. Até 15/05. 2ª a 6ª das 10h30 às 19h30. Sáb. das 12h às 19h30.

Fotografia, Video.

Lost Istanbul (Anos 50-60)

De Ara Güler.

Lisboa. CCB. Pç. do Império. Tel.: 213612400. Até 01/04. 2ª a 6ª das 14h às 18h. Sáb. e Dom. das 14h às 19h. Na Galeria Mário Cesariny.

Fotografia.

Auto-Retratos do Mundo: Annemarie Schwarzenbach (1908-1942)

De Annemarie Schwarzenbach.

Lisboa. Museu Coleção Berardo. Pç. do Império - CCB. Tel.: 213612878. Até 25/04. Sáb. das 10h às 22h (última admissão às 21h30). 2ª a 6ª e Dom. das 10h às 19h (última admissão às 18h30).

Fotografia.

Poignant Adaptation

De Lawrence Weiner.

Lisboa. Cristina Guerra - Contemporary Art. R. Santo António à Estrela, 33. Tel.: 213959559. Até 17/04. 3ª a 6ª das 11h às 20h. Sáb. das 12h às 20h.

Instalação.

← amplo é uma imagem de liberdade no qual o olho tem espaço para se abrir ao exterior, para espalhar-se na imensidão das vistas, e para perder-se na variedade de objectos que se oferecem à sua observação. Tais amplas e ilimitadas vistas são tão agradáveis à fantasia como à compreensão o são as especulações acerca da eternidade e do infinito", pode ler-se na publicação fundada por aquele ensaísta inglês.

As pinturas de Rosa Carvalho convidam o espectador a embrenhar-se nas paisagens. Contudo, esse chamamento pode conter em si uma armadilha: os lugares representados têm algo de inóspito, de uma estranheza inquietante. A visível natureza parece esconder um qualquer perigo - a paleta de cores escolhida ajuda a intensificar a perturbação presente em cada tela; há fenómenos atmosféricos que parecem estar a formar-se, sem ser possível identificar quais as consequências dessas situações perceptíveis sobretudo na forma como são tratados os céus. Há um certo terror que habita estas telas: uma ideia de solidão em confronto com um território não só indomável, desabitado, mas também sedutor na sua imensidão, propícia à fantasia.

Se as categorias de paisagem e de sublime têm sido abordadas por Rosa Carvalho em inúmeras obras - veja-se, por exemplo, o livro publicado pela Assírio & Alvim em 1998, que abre justamente com uma pintura de grandes dimensões datada desse mesmo ano -, a grande surpresa da exposição é, porém, um conjunto de oito maquetas realizadas em 2009, as quais podem ser lidas enquanto contraponto, complemento ou mesmo prolongamento das pinturas. O elemento humano, ausente das telas, surge agora em trabalhos que descrevem situações situadas entre o sonho e a realidade. O carácter enigmático das peças, visualmente apelativas, é novamente evidente. Uma rocha fendida, um círculo de pessoas sentadas, uma varanda, casas destruídas: nada nos oferece uma resposta para a proveniência destas imagens. Sente-se, porém, que ao serem retiradas do incessante fluxo do quotidiano, elas produzem uma qualquer ressonância: visíveis numa pequena ilha, instalados sobre plintos, cortados ao meio, esmagados por um acidente, estes objectos constituem-se também enquanto fragmentos de uma fábula sem princípio nem fim. Hipotéticos monumentos à imaginação, eles evocam igualmente uma infância distante, quanto tudo parecia possível.



em obras distintas, as noções de autoria e originalidade, os mecanismos de legitimação e a construção da identidade do artista. O gesto, todavia, não é novo (tal como os seus objectos) e numa primeira leitura até parece espúrio. Acontece que não reivindica um lugar acima do estado das coisas; pelo contrário avança apressadamente para o seu interior, não se furtando às ambiguidades que o acompanham.

Veja-se o vídeo "Sara e André chegam ao Porto" (2007), uma sequência de planos fixos da dupla transformada em celebridade pelos flashes dos paparazzi. Fascínio ou repulsa? Prazer ou desdém? Ou os textos manipulados de "Claim to Fame" (2004) onde Sara & André roubam para si os parágrafos consagrados a outros artistas: apropriação que sorri respeitosamente diante dos processos de legitimação, ou riso escarninho dirigido à própria produção de textos de arte? Há um lado lúdico, até primário, nestes modos de fazer e a paródia está sempre por perto. Por exemplo, em "Sara André comeram Dan Graham" (2007) ou "Sara e André são mais rápidos que Duchamp" (2007), frases pintadas nas paredes de Lisboa por Miguel, um autor de grafitis. Na sala da Fundação PLMJ, documentos revelam aquilo que lhes deu: uma colaboração, estratégia que matiza uma boa parte do percurso dos dois artistas.

Por vezes, também se descobre um traço mais introspectivo, como nas imagens da série "Flash". Vemos o "casal" auto-retratado no interior de lugares onde expôs individualmente; espectros não muito distantes dos rostos "indiferentes", protegidos por molduras douradas, de "Auto-retrato (2007)". Mas este beliscão, desferido na história e no mundo de arte (com as suas disputas, regras e faces), corre o risco de ser pouco mais que um toque na pele. Violento, rápido, mas indolor. Será talvez mais interessante pensá-lo partir de outros lugares. A saber: a condição de Sara & André enquanto artistas-curadores de uma exposição cujo "tema" é a sua obra (ver a série "Fundação"); e a colaboração-encomenda como um encontro regenerador com outros artistas (Paulo Mendes, Isabel Brisson ou Gonçalo Pena) e áreas (o grafiti de Miguel, a música de Norberto Lobo em "My son Bruno Martelli"). A recreação generosa de uma arte crítica pode passar por esses lugares.

O beliscão da Sara & André

A terceira exposição individual desta dupla serve de pausa para revisão de uma obra que não se esgota na ironia. José Marmeleira

Claim To Fame

De Sara e André.

Lisboa. Espaço Fundação PLMJ. R. Rodrigues Sampaio, 29. Tel.: 210964103. Até 15/05. 4ª, 5ª, 6ª e Sáb. das 15h às 19h.

Escultura, Outros.



As obras de Sara & André têm humor, um efeito desopilante e, entre a abordagem conceptual e a irrisão mais ou menos livre, lá vão trilhando esse corpo que dá pelo nome de arte contemporânea (portuguesa?). Da figura do artista e do culto da celebridade aos humores do sistema artístico, quase nada tem sido poupado ao seu beliscão. Basta, para isto confirmar, dar um pulo ao Espaço Fundação PLMJ e ver "Claim to Fame", individual centrada nos primeiros anos da dupla (2004-2007), embora com espaço para trabalhos mais recentes (incluindo um inédito).

Sara & André nasceram, respectivamente, em 1980 e 1979. Ela estudou Realização Plástica do Espectáculo na Escola Superior de Teatro e Cinema, ele cursou Artes Plásticas na Escola Superior de Arte e Design, nas Caldas da Rainha. E são um "casal", uma pequena "sociedade" que nesta exposição dá a (re)ver um corpo definido de trabalhos.

Mas voltemos ao "beliscão". O território de Sara & André é o de uma arte com ambições críticas que assume, com prazer, o uso da derrisão ou da ironia: têm interrogado de forma recorrente, e